

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (CAMPUS II)
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (DHG)
CURSO: LICENCIATURA EM HISTÓRIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA
PROFESSOR: ALARCON AGRA.

**TEIAS ELÁSTICAS: AS RELAÇÕES DE PODER NA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO NO MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO E NA ESCOLA ESTADUAL DA
LIBERDADE EM CAMPINA GRANDE
(2001 – 2002)**

CÍCERO VINÍCIUS CORDEIRO NÓBREGA.

961.3084 / 8

Campina Grande

2002

CÍCERO VINÍCIUS CORDEIRO NÓBREGA

**TEIAS ELÁSTICAS: AS RELACÕES DE PODER NA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO NO MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO E NA ESCOLA ESTADUAL DA
LIBERDADE EM CAMPINA GRANDE**

(2001 – 2002)

CAMPINA GRANDE – PB

2002

CÍCERO VINÍCIUS CORDEIRO NÓBREGA

**TEIAS ELÁSTICAS: AS RELAÇÕES DE PODER NA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO NO MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO E NA ESCOLA ESTADUAL DA
LIBERDADE EM CAMPINA GRANDE**

(2001 – 2002)

APROVADA EM _____ / _____ / _____

Coordenador do Curso de História

Silêide Beila O. Cavalcanti

Orientadora: Profª. Silêide Cavalcante

CAMPINA GRANDE - PB

2002

2002
CÍCERO VINÍCIUS CORDEIRO NÓBREGA

**TEIAS ELÁSTICAS DE PODER: AS RELAÇÕES DE PODER NA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO
(2001 – 2002)**

Relatório apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades – Departamento de História e Geografia, em cumprimento às exigências da disciplina prática de ensino em história ministrada pelo professor Alarcon Agra, necessário para a aquisição do título de graduado.

Orientador: Prof^ª. Silêide Leila Oliveira Cavalcante

Co-orientadora: Keila Queiroz

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, simbolismo de toda uma trajetória acadêmica, ao meu Deus IWAV, e a seu filho nosso Senhor Jesus Cristo, os quais me concederam saúde, inteligência, persistência e força afim de terminar minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço afim de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente ajudaram-me quanto a minha formação acadêmica; em especial:

Aos meus pais, José Antonio Nóbrega e Maria Gorette C. Nóbrega, dos quais recebi o dom mais precioso do universo: a vida, assim como por terem cultivado na criança que um dia fui, valores éticos e morais, que regados por amor e carinho, transformaram-me em um adulto responsável e consciente.

Aos meus professores, os quais mesmo mediante a inúmeras dificuldades de carências da Instituição tentaram ministrar suas aulas de forma dinâmica e criativa.

A minha coordenadora e co-orientadora deste relatório, Sileide Cavalcanti e Keila Queiroz, as quais sempre prontificaram-se de bom grado auxiliar-me no que fosse preciso, e as quais tenho grande estima e gratidão.

Em especial a mãe de meu filho, minha querida “Deise” a qual dedico-me amor, carinho e compreensão durante todo o trajeto desta análise.

Obrigado.....

“ A humildade precede a Honra ”

(Pv 15:33)

SUMÁRIO

Agradecimentos	
Dedicatória	
Pensamento	
Introdução	1
Sobre a prática do ensino-aprendizagem	
Capítulo 01	
1. Uma experiência (no ensino) “Fundamental no Cariri paraibano	7
1.1 Que cidade é essa?	7
1.2 Que escola é essa?	9
1.3 Que sujeitos compõe essa escola?	9
1.3.1 O porteiro	9
1.3.2 O corpo docente	11
1.3.3 A diretoria	16
1.4 Que ensino é esse?	18
Capítulo 02	
2. Uma experiência no ensino médio no agreste paraibano	20
2.1 A cidade: Campina Grande	20
2.2 O bairro e a escola	21
2.3 O ensino e a prática	23
Conclusão	26
Bibliografia	27
Anexos	

INTRODUÇÃO

SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO - REFLEXÕES

Lembro-me perfeitamente que quando criança costumava dar um trabalho danado as minhas professoras; lembro ainda que um certo dia uma de nossas várias “tias” (acredito que na 3 fase do ensino primário) nos jogou uma praga (a toda turma), suas palavras ainda ecoam em minha mente “espero que alguns de vocês ao crescerem sejam professores”, bem , nesses “alguns” que ela usou e claro que eu estava incluído, e pelo que parece a praga que ela jogou pegou, pois aqui estou redigindo estas linhas em busca de defender um trabalho de termino de curso afim de adquirir um diploma de licenciatura em História; poderia perfeitamente eu neste momento estar redigindo minha monografia ou tese qualquer de qualquer outro curso dentre as dezenas que existe sem precisar necessariamente ser da área de ensino, mas não, estou eu aqui pagando os “pecados” cometidos contra aquelas pobres sofredoras, quero dizer, professoras.

Só pós ingressar no magistério pude perceber a complexidade do que seja ensinar, não um ensinar de faz de conta, ou um ensino onde o professor está tão distante da realidade de seus alunos a ponto de não conseguir atingi-los chegar a eles ou esta tão alto e confortável em seu pedestal ao ponto de ignorar os clamores e necessidades de seus lentes . Pude ainda perceber que tal complexidade quanto ensinar assim como a manter-se no mercado de trabalho, algo que só pode ser compreendido pôr quem já passo pelo mercado de trabalho.

Este pequeno trabalho repousa portanto nos aspectos observados, analisados e avaliados , assim como vivenciados quanto as artimanhas a arte de ensinar , ou melhor, a arte de poder continuar a ensinar em escolas públicas (e em menor respaldo em escolas particulares, já que as teias de poder que regem estas são diferentes das que regem aquelas, assim como pelo fato de meu estágio da prática de ensino ter-se dado em escolas públicas estaduais e municipais). Daí nosso pano de fundo quanto a este trabalho, ou seja , a escola não é , assim como nunca foi, unicamente o local onde o professor repassa conhecimentos aos alunos, a escola é sim antes de mais nada o local de aprendizagem daqueles que intitulam-se mestres ou almejam o ser. A escola é para o

professor assim como o professor o é para seus alunos, um puro agente de aprendizagem.

Sendo assim, em meu estagio no colégio Estadual da Liberdade, onde ministrei mediante o apelo do professor da disciplina, Marcio Gororoba, uma rápida revisão sobre a chegada do homem as Américas e sobre a Pré-história brasileira sempre tendo por objetivo explicar como dava-se a existência dos “sambaquis” e práticas de datação como confirmação de alguns trabalhos realizados por Niede Guidom e alguns achados de sítios arqueológicos no interior do Brasil, pelo que tentei conciliar o pedido do professor à pratica pedagógica a qual fui ensinado na UFPB a realidade dos alunos aos quais ministrava as aulas raqueridas pelo estágio;, tentei sempre que possível dinamizar ao máximo as aulas, não só contentando-me em cumprir uma exigência institucional. Quanto aos alunos , me parece que apreciaram a quebra na ruptura padrão de ensino, pois responderam maravilhosamente, fosse participando das discursões, fosse problematizando a temática ministrada

Já quanto aos alunos da E.M.E.F.M.S., aos quais ministrei o assunto pré-história, estes tiveram a oportunidade de apresentar seus conhecimentos através de encenações teatrais após a exposição em sala da temática estudada., o que não só foi uma experiência singular e prazerosa para estes como também o foi para mim (abaixo estão expostas algumas fotos das encenações destes)

Tal experiência fez com que eu refletisse um pouco sobre o que seria ser um bom professor, e sobre um possível dom quanto a arte de ensinar

É sobre tais “teias invisíveis” que obrigatoriamente fazem parte da vida de cada professor, seja em maior ou em menor grau que repousa nossa análise. Tal temática foi escolhida por mim após Ter passado por duas experiências distintas, ou seja; a oportunidade de ensinar numa escola particular tida como de bom nível assim como a de ter lecionado numa escola pública municipal e Estadual quanto a Pratica de ensino. Quanto a Prática de ensino, o professor da disciplina assim como minha orientadora auxiliaram-me e incentivaram-me a uma aguda observação quanto a tudo e a todos que me cercavam, quanto ao meu local de trabalho, daí a escola e todos ao meu redor ,terem como se por um passe de mágica, transformado-se em formas e objetos de uma grande laboratório experimental de minha prática de ensino, minhas experiências passadas assim como a do dia a dia transformaram-se em instrumentos utilíssimos em meu empreendimento servindo-me ora de guia ora de referência. A partir de tais observações e reflexões pude então perceber o porque de meu equívoco quando lecionava em tal

escola particular a qual já mencionei aqui, ora, era minha primeira experiência de ensino, eu estava ávido e com todo pique afim de trabalhar e de ter minha primeira turma, meu primeiro trabalho após entrar no curso, estava com um imenso desejo de ser chamado professor e tratado como tal, daí Motivação, o “Dom”, capacidade e competência eu tinha, então o que teria dado errado?, onde é que eu tinha falhado, qual crime eu havia cometido? Não tinha eu dado o melhor de mim? Não tinha eu cumprido minhas obrigações, e por que ao invés de elogios recebi o aviso prévio. Ora, é justamente sobre isso que aqui tratamos, não respaldei todo este trabalho em minha experiência de ensino assim como em minha prática de ensino nos colégios onde ministrei, (Colégio Estadual da Liberdade e NA Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Salomé) tentarei trazer outros exemplos de sucessos e fracassos afim de enriquecer este, assim como tentarei fazer uma ponte entre tais experiências e os comentários de alguns mestres renomados na literatura acadêmica os quais tratam sobre tais temas afim de que este trabalho tenha serventia além de só me ajudar a colar grau. Pelo contrário, espero que este sirva de auxílio a todos meus colegas que estão iniciando a licenciatura, assim como os que estão adentrando no mercado de trabalho; que as experiências neste contidas sirva de auxílio, de guia, de alerta a todos os iniciantes a arte de ensinar e “manter-se no mercado de trabalho”; que sirva de aviso a todos quanto a exigência cada vez maior do mercado quanto a arte do bem relacionar, a cada vez maior exigência da inteligência emocional unida a inteligência intelectual, que sirva de alerta as necessidades de adaptação assim como as necessidades inúmeras reapropriar-se das normas institucionais burguesas.

É exatamente sobre tais reapropriações, e reinvenções por parte dos múltiplos sujeitos que compõe o espaço escolar e sua relação com os códigos burgueses, que repousa o eixo condutor de nossa análise.

A partir de tais problemáticas procuraremos fazer uma breve análise, das relações de poder e saber na rede municipal de ensino do município de Livramento. Bem como na rede estadual de ensino em Campina Grande. Para tanto fundamentamos nossa análise em alguns pensadores já por nos bastantes conhecidos, mas principalmente quanto ao conceito de “poder” e “saber” de Michel Foucault, segundo sua obra “a microfísica do poder”.

A metodologia escolhida afim de desenvolvermos esta análise esta fundamentada em minha própria prática pedagógica como professor da rede municipal de ensino do (próprio município de Livramento), como também em minha prática de

observação e pesquisação como historiador adquirida em meu processo formativo na UFPB (campus II) as valiosas contribuições de minha orientadora e co-orientadora as quais me ajudaram a conceber e visualizar o próprio município de Livramento como meu laboratório de “pesquisa”.

Desconstruir a cristalização da concepção de poder institucional ante o poder relacional. Aliada ao questionamento da eficácia superioridade do saber científico e escolarizado ante o saber experiencial. Como também trazer à tona mas de forma diluída por todo o texto a idéia de reinvenção, reapropriação de poder e saber, da desterritorialização e astúcia como estratégias de sobrevivência, fundamentada em Certeau e Guatarri.

Tais escolhas foram feitas a partir do recorte temático o que escolhi trabalhar; não o escolhi por não ter outras opções ou por ser mais simples ou mais complexo; por ser tema da “moda” ou por ser “tradicional” ser chamativo, atraente; escolhi sim tal temática, tal recorte, pela riqueza da mesma, por ela ter influenciado minha maneira de ser e viver e de ler o mundo, pois ela faz parte do meu dia-a-dia; a análises e pesquisas sirvam a quem este relatório ler; escolhi tal temática mediante a minha própria necessidade de entender e absorver melhor minha experiência de vida e pratica profissional.

Apesar de utilizarmos alguns conceitos de Michel Foucault e outros do materialismo histórico, não nos consideramos foucaultianos, ou marxistas pois não acreditamos ser interessante, como historiadores, nos fecharmos quanto a outras contribuições na área do pensamento e andarmos com uma placa na testa indicando nossa corrente teórica ou fazendo proselitismos quanto a esta; não somos fanáticos religiosos, somos cientistas sociais; também não delinearemos sobre tal debate pois esta não faz parte de nosso objetivo, mas que acredito ser necessária fazem tal observação, pois iremos trabalhar com “conceitos” de diversos pensadores durante o transcórre desta obra.

Iniciamos esta análise trabalhando o conceito de Michel Foucault sobre “poder”, por acreditarmos o mais adequado a nosso objetivo, pois para Foucault o poder em si não está no cargo que se ocupa ou na instituição que fazemos parte e sim nos micro relacionamentos tecidos; sendo assim o porteiro de uma escola ou de uma empresa qualquer pode ter mais influencia dentro da escola ou empresa que trabalham o simples abrir e fechar de portas e conferir identificações; assim como sem a interação com as devidas táticas e estratégias qualquer juiz de direito pode simplesmente ser exonerado

por não conseguir criar, as devidas teias de poder necessária, saudável a sua função, pois ninguém nasce juiz ou porteiro assim como não se pode exercer tais funções sozinho.

Também utilizaremos o conceito de “saber” segundo Michel Foucault pois acreditamos ser o que melhor expressa as melhores e mais bem fundamentadas críticas ao saber científico, ao saber escolarizado ante a recusa de aceitação da eficácia e utilidade do saber experiencial, mesmo na atual situação do mercado de trabalho em uma sociedade capitalista neoliberal. Daí o questionamento Foucaultiano.

“As questões a colocar são: Que tipo de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem “É uma ciência?” que sujeito falante, que sujeito de experiência ou de saber vocês querem memorizar, quando dizem eu que formulo este discurso e anuncio um discurso científico e sou um cientista?” (...) A genealogia seria portanto um empreendimento para libertação da sujeição de saberes históricos, isto é, torna-los capaz de oposição, de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, teórico e científico. A relativização dos saberes locais contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder”¹.

Também aceitaremos e tentamos adaptar a contribuição de Caio Prado Junior e Celso Furtado quanto suas obras “formação econômica do Brasil” e “historia econômica do Brasil”, pois mesmo estes pensadores sendo adeptos da corrente teórica marxista as análises feitas pelos mesmos nos são bastantes úteis, quanto ao entendimento de questão relativas ao povoamento do Brasil, do Porquê e como do surgimento de cidades em locais tão precário a vida quanto o município de Livramento.

Tentamos também fazer um aponte quanto as rupturas; permanências e persistências de praticas e tradições peculiares. A séculos passados, tais como a ativa utilização de carros de bois; ferros de passar à brasa; expressões lingüísticas; festas religiosas e culturais; trajes utilização de ervas medicinais mediante o saber experiencial afim de curar vários males; a comum utilização de casas de taipa como moradia; uso de armas rústicas como a famosa “suvaqueira” afim de caçar a carne do almoço caatinga a dentro (pois muitos só comem carne advinda da caça, por não ter recursos afim de compra-la na feira). Quanto a este aspecto achamos por bem alicerçar tal contexto aos conceitos de Jacques Lê Goff e Eric Hobsbawm, pois os mesmos concordam quanto o acavalitamento de uma época sob a outra, ou seja, as continuidades de um período

¹ Michel Foucault. Microfísica do poder - Editora Graal - 7ª edição, p-172 ano 1988.

histórico. Ora, tal recorte temático fez-se necessário já que adentraríamos na dinâmica dos macro e micro poderes políticos em Livramento, os quais são grandemente influenciados por resquícios resignificados das famosas políticas coronelescas – oligárquicas tão fortes e atuantes e resistentes no cariri e sertão paraibano; daí optamos por fazer um breve menção ao texto “Morte e vida das Oligarquias” da professora e historiadora Eliete Gurjão.

Quanto as contribuições de Félix Guattari, esta deram-se a partir do conceito de “territórios”, “desterritorialização” e “reterritorialização”, ou seja, as influências que alguém sofre e causa sempre que adentra em um novo contexto político-social ou cultural-religioso, e as necessidades de construir a partir de tal contexto o seu próprio território afim de posicionar-se político-socialmente, pré-requisito este essencial no bom desempenho de suas atribuições (em nosso caso, o magistério).

Considerando as diferenças dos espaços educacionais (quer seja Livramento ou Campina Grande) ambos objeto de minha prática pedagógica e da elaboração deste relatório), escolhemos por eixo condutor comum as duas experiências, a análise das relações de poder nos espaços educacionais, fundamentando-as em especial nas concepções de poder e saber de Foucault aliadas as concepções de reinvenção (Certeau) e de reterritorialização (Guattari). Vale salientar que a experiência pedagógica na cidade de Livramento foi melhor documentada, avaliada e diagnosticada devido a própria condição de professor regular em sala, e não como mero estagiário, condição esta vivenciada na Escola Estadual da Liberdade (em Campina Grande).

Em se tratando da estruturação deste trabalho optamos por dividi-lo em duas partes: num primeiro momento, relatamos e analisamos a experiência no município de Livramento; enquanto professor regular no município, já no segundo momento, relatamos nossa experiência na Escola Estadual da Liberdade em Campina Grande.

1. UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO CARIRI PARAIBANO

1.1 QUE CIDADE É ESTA?

Quando fui convidado a trabalhar na rede municipal na cidade de Livramento fiquei tanto entusiasmado pois mesmo como protêmpores, e mesmo mediante a distância de 230km de Campina, o salário oferecido parecia valer a pena para um estudante universitário ainda não graduado; mas meu entusiasmo não durou muito e comecei a entender o porque do incentivo financeiro a quem almeja-se aventurar por aquelas terras.

Livramento é mais uma daquelas cidadezinhas do interior do cariri das quais a primeira pergunta a qual nos fazemos ao conhecer é “Como pode tal cidade ter vindo a existência?” Quais os motivos que puderam levar alguém a vir viver, estabelecer-se num lugar como aquele. Livramento situa-se a 380 km da capital paraibana, incrustando-se na divisa entre o sertão e o cariri.

A cidade de Livramento conta com uma população de aproximadamente 2.000 eleitores, sendo que o atual prefeito, José Anastácio foi eleito com pouco mais de 1.300 votos, contando é claro com os eleitores do município, os quais estão distribuídos por 22 sítios e vilarejos ao seu redor (número de votos que seriam insuficientes a eleger um único vereador na cidade de Campina Grande na mesma época do pleito em que José Anastácio foi eleito).

A História da cidade está vinculada com o processo de formação do próprio Brasil; seu surgimento foi parte do processo de interiorização do gado bovino em direção ao litoral cariri e sertão, afim de dar espaço a plantação de cana-de-açúcar. Assunto este tão bem analisado por Caio Prado Júnior em sua obra “Formação do Brasil Contemporâneo” (A qual mesmo de cunho marxista, ainda persiste como um dos excelentes clássicos da Historiografia Brasileira). Livramento teve portanto seu nascimento vinculado a interiorização do gado bovino, no início era um simples povoado dentre vários outros criados pela coroa afim de fazer a ponte entre o sertão, o cariri e o litoral, servindo de pousada a cacheiros viajantes e vaqueiros, e enfrentando uma vida bastante dura, fosse mediante a servidão da terra, posse pelo isolamento

geográfico (o qual mesmo nos dias de hoje ainda causa alguns transtornos aos cidadãos desta, pois só há um único horário no itinerário da única empresa de ônibus a Expresso Nacional, que presta serviço a cidade de 04:30 da Manhã, com destino a Campina Grande e as 13:50 de Campina Grande a Livramento), enquanto isso é prática comum, desde os primórdios de nossa colonização sempre que possível ao resto da população paraibana “contentava-se em aranhar a terra ao longo do mar feito caranguejo¹. Outro clássico de nossa histografia brasileira que contribui muito ao entendimento do surgimento de cidades como livramento é a obra do Celso Furtado; “Formação Econômica do Brasil; mostrando as profundas desigualdades entre os vários estados do sul e sudeste do Brasil, ante os estados do norte e nordeste, na qual o autor faz uma profunda análise econômica desde os primórdios de nossa colonização até o século vinte. É interessante ressaltar que o próprio pai do atual prefeito, em sua adolescência e juventude “tangeu” muito gado (a pé) de Livramento a Campina Grande (o que levava em torno de dois dias de caminhada), prática muito comum até o início dos anos 1960. Atual primeira dama passou toda sua vida no sítio onde nasceu até casar com o atual prefeito e vir morar na cidade.

Quanto a estrutura física, a cidade carece desde hospital a agência bancária. O único médico da cidade só faz-se presente dois dias da semana (quanto outro compromisso não interfere). Quanto ao fator econômico, a cidade não vive mais do gado bovino, o comércio diversifica-se em alguns bares e bodegas; na feira livre semanal onde os agricultores e ambulantes vendem seus produtos. Quanto aos contrastes financeiros este como já pode ter sido percebido, não é muito grande pois a população divide-se em aposentados, os quais respondem por 40% da economia da cidade, pequenos agricultores, respondem por outros 40% da renda do município; comerciantes, comerciários (respondem por 15% da renda) e funcionários públicos (5% restante).

Feita esta pequena introdução sobre nossa área de pesquisa acredito podemos mergulhar no que nos interessa, nosso objeto de estudo, ou seja as relações de poder; que constituem uma verdadeira teia elástica, daí a importância do relacional, das redes “corredores de influência”, que são de suma importância, seja na preservação de empregos com na própria subsistência de alguns indivíduos, pois algumas bases que deram sustentação a antiga política coronelesca e oligarquica, as quais tanto se fizeram

² Frei Vicente Salvador. citado por Caio Prado Júnior Uma História do Brasil Contemporâneo – Cap. 02 Pag. 30; Editora Melhoramentos: 10ª Edição: 1986 – SP.

presentes em nossa política paraibana, e que tanto “atrasaram” nossa região; quanto a isso falaremos um pouco mais quando analisarmos a situação dos protêmpores.

1.2 QUE ESCOLA É ESTA?

A escola a qual nos serviu de objeto de estudo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Salomé. A escola leva o nome de uma das primeiras professoras do município, Maria Salomé. A escola segue o padrão físico-arquitetônico da maioria das escolas, padrão este que segue a norma estrutural “fabril”, ou seja, a mesma estrutura política de poder que regeu o padrão de disciplinarização da mão-de-obra proletariada europeia após a revolução industrial

1.3 QUE PERSONAGENS COMPÕE ESTA ESCOLA

1.3.1 O PORTEIRO

O porteiro da Escola Municipal de Ensino Fundamental: Maria Salomé, chama-se Antonio Vidal de Sousa, Antonio é um senhor já de idade (mais ou menos uns 60 anos) mais ainda forte e bem humorado. Toinho (vulgo carinhosamente dado a seu Antonio por parte dos alunos) é pai De três dentre os vários alunos da instituição.

Mas quem pensa que a única atividade, função, influência de “Seu Antonio” limita-se a abrir e fechar o portão da escola está muito enganado. A função exercida por “Toinho” é a única a qual possibilita o contato direto com todos os alunos e membros da direção mesmo o corpo docente não possui tal mobilidade pois a função que exercem não exige deste essa prerrogativa, daí, todo o aluno, toda a pessoa que venha ao colégio, terá por recepção a pessoa de “Toinho”, e pela disposição humoral deste ou por afinidade com a direção e ou professores, o visitante terá as primeiras informações sobre a escola, o corpo docente, a direção etc. Daí acredito que já deu para perceber que a função da portaria, é um pouco mais abrangente que muitos pensam, não só no caso de seu Toinho como numa experiência a qual vivenciei.

O fato deu-se em 1995, eu estava cursando o 3º ano científico no hoje extinto “CA” (Central de Aulas), na cidade de Campina Grande.

O porteiro daquela instituição era conhecido por “Seu João”. Seu João era uma “figura” bastante carismática, humilde e extrovertido, fato este que cativou a muitos alunos; mas não era só o carisma de “Seu João”, pois este era um verdadeiro “Severino” (Como o porteiro carismático de uma das chamadas do programa da rede globo – Zorra Total; apresentado atualmente aos sábados a noite). Seu João assim como Severino vivia a “Quebrar galhos” dos alunos, e isso criava redes de favores e aprofundava relações. Estes quebra galhos variavam desde a facilitação de alguns alunos “gabularem aula”, assim como a entrada de alguns retardatários no colégio nos mais variados horários, onde a carência máxima tolerada pela direção era até o termino da 1ª aula. Também havia a facilitação de alunos suspensos (pelo atraso das mensalidades) entrarem na escola (pois a entrada dos alunos era mediante um carimbo dado pela direção numa carteirinha de identificação dos alunos dadas pelo colégio). Bem, o fato é que por ocasião especial “Seu João” enfrentou a força de toda a direção do colégio e venceu.

O fato deu-se quando os 3º ano do 2º grau decidiram homenagear, imagine quem como patrono da turma?! Isso mesmo, Seu João, o porteiro. Ora onde já se viu uma coisa desta; a direção ficou indignada pois almejava como das outras vezes, que a turma concluinte escolhe-se, alguém socialmente influente na cidade, de preferência um político, mas nunca um porteiro sem aparente nenhum préstimo a não ser a de abrir e fechar um portão conferindo a identidade de cada um. Bem, para encurtar a história o fato é que mesmo mediante toda pressão exercida pela direção (com até mesmo advertência a demissão de “Seu João”, seu nome não foi retirado e ele foi o patrono da turma de 1995 do C.A de Campina Grande.

Daí, percebe-se que, o porteiro de qualquer instituição de ensino tende a estender-se bem além do que se vê ou imagina, e comprar briga com um porteiro pode ter consequências bem penosas.

Daí o porque do conceito de poder de Michel Foucault encaixar-se tão bem aqui; Foucault não nega a existência de um macro poder ou de micro poderes, mas contesta o poder como entidade e o afirma no âmbito do micro poder como entidade e o afirma no âmbito do micro como fruto da relação.

Sendo assim, Michel Foucault contesta o poder institucionalizada a diretoria, ao porteiro do colégio, assim como as demais formas de poder institucional, para esse autor Foucault o poder não estaria na entidade, no cargo que a pessoa cria ao ocupar e sim nas relações de poder que esta pessoa ao ocupar tal cargo institucional, daí o porquê do

porteiro ter maior atuação dentro da escola que unicamente abrir e fechar portões, assim como a diretoria, é mais que a função de administrar e disciplinar, pois por maior poder institucional que essa diretora, ou até mesmo um juiz do STF venha a ter, se estes não contarem apoio dos subalternos, nada, absolutamente nada haverá de fazer pois nem a diretora tem os poderes mágicos de “Merlim” nem um o juiz de direito os poderes de “Zeus” (ou Felipe Escolari o poder de sozinho nos trazer o penta).

Foucault percebeu muito bem a diluição do poder nas micro relações pensando, uma descontinuidade no discurso institucional, mediante o relacional, as estratégias e táticas do poder.

“... Táticas e estratégias que se desdobram através das implantações, das distribuições, dos recortes, dos controles de territórios, das organizações de domínio que poderiam constituir uma espécie de geopolítica”³

1.3.2 O corpo docente

Quanto a análise por mim realizada quanto ao corpo docente da E. M. E. F. M. S, continuei a vincula-la ao conceito de poder, segundo Michel Foucault (e aqui já comentado) assim como também em seu conceito de saber; para tanto tentarei declinar este ultimo não se tomando por exemplo a figura do porteiro como também um caso bastante singular o qual pude não se presenciar mas também acompanhar de um protêmpore que conseguiu mediante algumas estratégias garantir o emprego quando já parecia impossível manter-se no mesmo. Daí portanto nossa volta ao eixo desta analise, a leitura das relações de poder e saber na escola publica municipal (neste caso em particular no município de livramento), e a partir desta leitura tentarmos desconstruir a eficácia e vitalidade do saber científico antes outras formas de saber.

Portanto não será com base neste trabalho que o leitor irá encontrar exaltação ao saber científico, ao saber escolarizado mas o questionamento quanto a eficácia deste saber, deste discurso (o qual passamos toda graduação ouvindo e por vezes acreditando como verdadeiro), e sua relação real com o mercado de trabalho. Também não almejamos levar o leitor ao extremo em acreditar que o saber científico não tem prestígio algum, pois seria uma loucura; mas almejamos chamar a atenção a eficácia, e a constante atuação de outras formas de saber no mercado de trabalho desejamos chamar a atenção

para o fato da necessidade do saber acadêmico não se reconhecer as demais formas de saber como validas, úteis atuantes nas relações sociais assim como a necessidade de intercâmbio entre estas duas formas de saber.

Optamos por iniciar este recorte de nosso estudo, por analisar a figura do protêmpore, já que este não só faz parte do corpo docente como também nos presta de forma bastante útil.

Ora, ao iniciarmos qualquer comentário sobre os protêmpores (professores convidados a trabalhar no município ou estado sem prévio concurso publico) temos que ter e mente que os protêmpores conseguem seus contratos por meio de indicações, indicações quase sempre interessada, seja por parte da diretoria ou de influencia de algum político (no caso de livramento, só consegue-se um cargo deste com a indicação direta do prefeito ou irmãos deste). Daí dupla face de um protêmpores e sua difícil tarefa afim de garantir o contrato, o qual pode ser quebrado a qualquer momento sem aviso prévio e por qualquer mal entendido com os poderes públicos ou um motivo banal qualquer.

A dupla tarefa de um protêmpores consiste em honrara o "*pistolão*", o "*padrinho*" que lhe conseguiu o contrato, a traição ou ate mesmo a simples omissão quanto aos interesses de seu *padrinho* político quase sempre custa-lhe o emprego (não é atoa que a maior escola de livramento, a Maria Salomé, a qual possui 700 alunos só no turno a noite conta com um total de 50% de seus professores serem protêmpores, os demais são considerados dóceis ou alinhados ao prefeito, os indóceis ou desalinhados foram espalhados dentre os 22 distantes grupos em sítios e vilarejos que compõe o município; os que não eram concursados perderam o emprego).

Mas não basta ao protêmpores ser fiel as causas político- partidárias e financeiras de seus *padrinhos*; os protêmpores tem também de ouvir seus *padrinhos* exercendo na medida do possível bem a função a qual lhe foi confiada. (quando o protêmpores e da área de exatas, matemática, física etc. até que a coisa é mais fácil quanto a este ultimo aspecto, pois tal professor só falará de questões de cunho político-social se assim o desejar; mas o que dizer de um professor de historia ou geografia que almeje exercer tais assuntos de forma que não respingue, salpique nas costas do poder executivo, de seus *padrinhos* é difícil, o "*jogo de cintura*" e enorme). Quanto a este ponto temos o caso de um protêmpores em livramento; ele ministrava a disciplina historia no ensino fundamental, mas também possuía habilidades quanto a arte teatral, ora , tal protêmpores em suas oras vagas começou a formar um grupo teatral, idéia que foi bem acolhida não

se por toda cidade; o grupo teatral foi formado e trabalhado sendo que dentro de três meses por sua formação já havia representado a cidade (e não só sua escola) em dois municípios próximos (Cabaceiras e Taperoá), trazendo grande respaldo ao seu apadrinhado e assegurando-lhe o emprego alguns meses depois, quando a filha de um bom cabo eleitoral de tal *padrinho* deste protêmpores formou-se em historia, e como filha da cidade e de seu “*compadre*”, veio pedir-lhe o cargo, a vaga que tal protêmpores estava ocupando, o fato é; a filha de tal cabo eleitoral esta hoje trabalhando sim, mas não no cargo do protêmpores a qual foi pedida a “*cabeça*”.

Ser fiel e honrar o pistolão, o *padrinho* político, essa é alei que deve seguir qualquer um que se atreva a aceitar ser protêmpore. Mas o protêmpore não é esse pobre coitado que vive equilibrando-se na corda bamba, este também tem seu lugar de poder,, pois o mesmo só por ali esta ocupando tal cargo, já é uma extensão do seu *padrinho*, são os olhos, ouvidos deste, é o agente “*não secreto*” que tenta diplomatar ou amenizar qualquer mal entendido ou indesejável de seu *padrinho*; daí o cuidado da diretoria assim como de corpo docente ou qualquer outro funcionário em evitar tensões com este tipo de profissional, na realidade um protêmpore só perderá suas funções se este não cumprir bem as duas leis que lhe regem sua permanencia no cargo, as quais resume-se em ser fiel, a seus apadrinhamentos políticos, assim como honrar a confiança que lhe foi depositada.

Investigar mais a fundo tais relações entre “protêmpores” e suas funções e atuações nas escolas publicas municipais seria interessante o prazeroso mas que extrapolam os limites de nossa analise; mas a partir de tal exposição sobre a figura e atuação do protêmpore, podemos fazer algumas analises paralelas ao nosso eixo mas muito próximas a ele pois está estritamente ligada ao bom entendimento das relações de poder no município de livramento.

As relações de poder aqui analisada quanto ao município de livramento, assemelham-se a muitas praticas e relações de poder existente na quase totalidade das escolas da rede municipal e estadual de ensino do Cariri e do sertão paraibano.

O vício de transgredir o bom funcionamento de órgãos públicos em beneficio próprio; na continuidade de praticas protecionistas, de praticas vingativas, permeiam ainda, seja em menor ou em maior grau a mentalidade do sertanejo e do caririense conforme maior ou menor o grau de isolamento da cidade, do município, e como bem sabemos, tanto o sertão como o Sertão e o Cariri, assim como outras regiões interioranas no norte e nordeste do Brasil, ainda hoje possuem reflexos muito fortes e vivos das praticas políticas dos últimos dois séculos, pois muitas destas regiões (assim como

algumas tribos indígenas do coração da Amazônia) ainda estão como que mergulhadas em praticas do praticas do século passado, não conseguindo sorver as mudanças inerentes ao século XXI, seja tecnologicamente, seja educacionalmente, seja politicamente etc

Tal resistência a mudanças, fazemos lembrar o livro “O Imaginário Medieval” de Jacques Lê Goff², onde o mesmo *afirma* “É claro que se pode pensar como Krzysz- Tof Pomian, que qualquer periodização é para o historiador uma gotinha. É indiscutível que os períodos se avaliam uns sobre os outros e que existem defasamentos entre os diversos domínios da historia (...) o passado respinga sem duvida, quando desejamos sujeita-los e doma-lo com perioridizações”³. *Ainda quanto a impossibilidade deixar de faze-la a qual trata das tradições políticas observadas e analisadas por mim.*

Percebi que não é motivo de espanto encontramos ainda hoje em livramento (assim como em boa parte do Cariri e Sertão paraibano) praticas tão comuns aos séculos que nos precederam; seja praticas que nos lembram a política coronelesca, onde cada grupo político possuía seus “currais eleitorais”, seja no autoritarismo e no favorecimento da parentela (parentes e aderentes), seja na viciosa “política de favores” , as quais ainda persiste de forma muito forte.

Tais praticas políticas assim como a permanecia de alguns costumes, nos fazem lembrar a tão respeitada obra da professora e historiadora Eliete Gurjão, (1930-45) em “Morte e vida das Oligarquias”.

“Os dados empíricos demonstram claramente que após 1930 não se efetuou a ruptura da estrutura do poder Oligárquico (na Paraíba). Ao mesmo tempo evidencia-se alterações político institucionais que de certa forma modificam as relações entre as esferas do poder logístico-oligarquico”⁴.

O recorte temporal trabalhado por Eliete Gurjão dias de hoje quanto ao Cariri e Sertão paraibano (com as devidas ressignificações é claro).

Voltando agora a figura do protêmpores, gostaria de ressaltar um segundo ponto paralelo a nosso eixo central, pois acredito ter ficado bastante claro, o fato principal o

² O Imaginário Medieval; Javvus Le Loff (Editora Melhoramentos 3ª edição p-20-21)

³ ainda quanto a impossibilidade de homogenizar-mos época, períodos ou experiências sociais. O famoso historiador Eric Hobsbawm parece concordar com sua obra : O breve século XX, no texto intitulado “anos dourados”, a comum e insistente permanências na França, em pleno século XX(1950), de praticas tão comuns ao medievo. Hobsbawm chega a praticas chega a afirmar que o próprio medievo (quanto a muitas praticas: fosse de higienização, moradia, alimentação, etc) persistira ate a revolução social dos anos 1950 a qual foi precedida por uma nova geo- política, a qual foi precedida por uma nova política econômica e de inúmeros novos inventos, seja na industria química e farmacêutica: propiciando assim enormes avanços na medicina etc. Tal período de crescimento e vertiginoso desenvolvimento técnico- científico e social ficou conhecido como “os anos dourados”, atingindo principalmente a Europa, a credito que tal comentário sobre “continuidades” presta-se bem afim de introduzirmos uma

⁴ crise e redefinição das oligarquias paraibanas cap-2 pág-103; 2ª edição

qual permitiu ao protêmpores citado como exemplo de como conseguir firma-se em seu emprego mesmo após sua vaga ter sido solicitada por alguém a quem o atual poder executivo não podia “faltar”. Ora, o protêmpores não perdeu se contato ou o cargo confiado, mas isso não se deu só por ele ter exercido bem sua função como professor de historia, habilidade esta que ele passou quatro anos numa universidade, labutando por cumprir as exigências desta afim de receber o sonhado “canudo”, no qual afirma-se que tal pessoa esta cientificamente apto a exercer suas funções, a ganhar a vida como professor de historia. Ora, o protêmpores acima citado como exemplo de uma experiência a qual pude vivenciar, ainda hoje ensino em livramento, mas conseguiu manter-se no cargo não pelo saber científico que a universidade lhe deu, pois ele não cursou “arte e mídia” para ser diretor teatral da cidade (e não só do colégio o qual leciona), também como, não foi o conhecimento científico em historia que lhe proporcionou garantir-lhe o emprego pois este teve que assumir algumas turma de “matemática” (mesmo seu contrato constando unicamente a função de professor de historia), com uma carga horária que completasse exigida em seu contrato inicial. O mais interessante deste exemplo e que este protêmpores conseguiu sua permanência não por influir diretamente na questões políticas da cidade, já que mora a 200km de Livramento, também não permaneceu no cargo por ser parente ou amigo do prefeito, e sim de resignificar o espaço no qual está inserido; de usa capacidade de adaptação; da praticidade do saber “para –científico” e da inteligência emocional deste protêmpores, pis teve equilíbrio suficiente assim como elasticidade necessária afim de readaptar-se a tal nova situação, fazendo-nos ate lembrar do conceito de território, Felix Guatarri em seu livro: Micropolíticas: Cartografia do desejo.

Poderíamos, portanto, fazer uma analogia entre o caso protêmpores a qual citei o exemplo acima(o qual não é outro a não ser este que vos escreve esta experiência como protêmpore) e o conceito de território de Guattari, pois quando cheguei a Livramento (ao território), deparei-me com uma macro e micro estrutura a qual eu ainda não a influencia e não fora influenciada por ela, mas a partir do momento o qual comecei a interagir com a cidade, com a escola, com os macros e micro poderes, comecei a eles influenciar e por eles ser influenciado; daí; a estranheza inicial por parte de alguns moradores para com agora aquela nova “figura” (pessoa) que transitava em seu espaço, território; seja os próprios alunos para com aquele novo professor; a diretoria para aquele jovem forasteiro (principalmente a noite na boate), e quanto a mim, a estranheza da nova adaptação, pois eram três dia e duas noites consecutivas longe de casa, dos meus parentes de minhas

regalias daí a desterritorialização. Após passadas os primeiros quatro meses nem eu era mais o mesmo nem a cidade mais a mesma, tínhamos nos adaptado um ao outro, eu havia criado meu espaço e lês permitiram territorialização. Mas não nos enganemos, se a fase da desterritorialização é hesitante mediante as novas descobertas esta também merece atenção redobrada pois: “um perigo nos espreita; fatal pode ser o fascínio que a desterritorialização exerce sobre nós: se ao invés de vive-la como uma dimensão da criação de territórios, nós a tomarmos como uma finalidade em si mesma . e inteiramente.”⁵

1.3.3 A DIREÇÃO

A direção da E.M.E.F.M.S é composta por uma diretora presidente e três diretoras adjuntas (as quais também exercem funções de professoras, pois é comum os componentes do primeiro escalão da secretaria de educação do município de Livramento acumularem vários cargos) e estas foram indicadas diretamente pelo atual prefeito; daí mais que competência para o cargo o que mais pesou em suas indicações o cargo foi a influência e confiança inspirada por estas ao atual prefeito. Tais diretoras mais servem como “olheiras”, agentes explícito da prefeitura afim de coibir qualquer suposta tensão política que a oposição do antigo prefeito (e que não puderam ser depostos de suas funções assim como outros 183 funcionários que não possuíam estabilidade, ou seja, não eram concursados). Portanto a mensagem ao corpo docente é clara, nada de falar mal do prefeito ou de sua gestão que venha a obscurecer o mandato deste, seja dentro ou fora dos muros da escola. Daí o império da lei do silêncio, pois mesmo alguns professores tendo estabilidade estes não tem imunidade quanto a serem transferidos da cidade afim de assumirem uma sala de aula dentre os vinte e dois grupos espalhados pelos sítios do município (vários já foram assim penalizados). Ora, se entre os concursados impera a lei do silêncio, imagine pois então como seria a situação do “protêmpore”, professores convidados pela secretaria de educação ou direção da escola, afim de fechar alguma brecha quanto ao corpo docente da escola.

A situação dos protêmpores é um tanto delicada, e sobre estes daria para escrevermos dezenas de livros, infelizmente agora não disponho de tempo suficiente

⁵ micropolítica: cartografia do desejo – Felix Guatarri - editora Vozes: 4ª edição: 1996; Petrópolis.

afim de esmiuçar o assunto, restando-nos apenas a condição de mostrar a delicada situação destes, o que tentaremos fazer quando comentarmos sobre o corpo docente, discussão esta que deixei propositalmente para o fim desta análise.

Se a diretoria de uma Escola Municipal é um cargo de confiança, a observação e avaliação desta é também uma constante, todos estão de olhos na direção, do porteiro “Toinho” até as próprias diretoras adjuntas, as quais por vezes almejam muito o cargo de diretora geral. O que as leva a não Ter nenhum problema de ordem moral ou ética a no primeiro vacilo ou mal entendido “Queimar” a direção, mas a estas também há quem almeje seus cargos, bem daí o que temos é uma direção bastante tensa, onde a diretoria por vezes é privada de desenvolver bem suas funções, uma diretoria que deixa as margens suas funções diretivas em prol de uma política de repressores coações.

Em meio a tal jogo de poder o “protêmpore” apresenta-se como uma presa fácil, se o mesmo não estiver aberto a aprender e atento as perguntas que lhe são dirigidas; pois a diretoria pressionada pela necessidade e demonstrar lealdade aos apadrinhados que lhe confiaram o cargo, queiram fazer de alguns “vacilantes” bodes expiatórios.

Mas, longe de ser autoritária, o corpo diretivo de uma Escola Municipal (principalmente de cidades pequenas e interioranas, objeto de estudo deste trabalho) tem de ser diplomático, pois qualquer um dentre os vários apadrinhados que trabalhem ou não na escola sentir ameaçado ou prejudicado mediante alguma ação impensada ou paternalista por parte da diretoria, podem inferir numa possível exoneração. Um caso parecido deu-se em Livramento, quanto uma certa diretoria de agricultores da região, isso por Ter sido rude com uma aluna que pertubava em sala de aula, a aluna era filha do presidente da cooperativa, e o mesmo sentiu-se com a honra ferida (a aluna tinha levado uma suspensão a qual foi cumprida, e a diretora levou uma exoneração pois criou tensões entre os partidários do prefeito, coisa imperdoável, principalmente para quem ganha uma eleição pela diferença de 300 votos, e pretende reeleger-se.

Tal caso poderia Ter se dado perfeitamente com o filho de qualquer outro líder comunitário, quem sabe até mesmo com o filho da faxineira ou a coopera ou quem sabe o filho do porteiro, ou do próprio “protêmpore” dito isso por ser comum o fato de bons cabos eleitorais serem agraciados com cargos públicos quando seus candidatos são eleitos; cargos este que longe de espelhar a competência espelham a fidelidade ou a disponibilidade do momento. Daí a importância estratégica do porteiro ou da auxiliar de limpeza, ou do “protempore”, pode ser em muito superior a da própria diretora geral, sendo o fato daquele não Ter adquirido uma função que espelhe sua importância política

ter-se dado a inúmeros fatores os quais não iremos declinar por questão de tempo, espaço e abrangência desta obra, mais que o leitor já devem Ter em mente.

Assim sendo percebemos que o papel de uma diretoria como da cidade de Livramento, tem por objetivo máximo, não uma boa coordenação e administração da escola, e sim a tarefa de ser mais um veículo partidário em busca de “votos” e aceitação. (Competentes cabos eleitorais a ocupar a função, seja pela imposições jurídicas ou outras qualquer).

1.4 QUE ENSINO É ESTE

Sendo a Escola Maria Salomé, uma escola da rede municipal não é de admirar que ela siga o padrão de tantas outras escolas da rede municipal de ensino, ou seja, uma tendência positivista atremelada a uma “distorcida” concepção marxista de história, por vezes nos deparamos com um ensino tão arcaico e precário onde a “decoreba” de datas, nomes e fatos, assim como exaltação de vultos históricos (ou presentes na atual administração) são uma constante, daí o desinteresse e a apatia de muitos alunos quanto ao estudo da disciplina história. Mas este é um debate sobre o qual não nos deteremos, não aprofundarei. Nem por isso eu deixaria de citar. Agora o mais interessante, que achei foi uma forte causa do porquê de um ensino tão precário, não só em história mas em todas as disciplinas lecionadas naquele espaço escolar: tal causa repousa no fato da intrincada rede de influências, a qual não só atropela as principais prioridades ao ensino na E.M.E.F.M.S (sejam estas prioridades físicas ou estrutural), não só atropela mas emperra todo o sistema de ensino, pois interfere tanto no bom desempenho da administração da diretoria, assim como no desempenho do próprio corpo docente, já que muitos exercem o cargo não por competência e sim mediante rede de influência; e quem assume por competência (mediante concurso público, ou por reconhecida competência) tem de Ter muito cuidado no que fala ou insinua, pois qualquer tensão para com os líderes políticos da região, pode custar-lhe o emprego ou a transferência para algum grupo bem distante da cidade e de difícil acesso, ou de inviabilidade econômica (dentre os grupos espalhados em 22 sítios e alguns vilarejos “Mato a dentro” que compõe o município de Livramento.

Mediante tudo isso; a distância geográfica, dificuldade de locomoção, resquícios e releituras de práticas políticas, coronelescas e oligarquicas, é uma quase estagnação

econômica; imaginamos que o nome da cidade “Livramento” uma utopia, uma esperança de liberdade.

CAPITULO 2

2. UMA EXPERIÊNCIA (NO ENSINO) MÉDIO NO AGRESTE PARAIBANO

2.1 A CIDADE: CAMPINA GRANDE

A região central do Agreste da Borborema, distante 121 quilômetros da capital da Paraíba, João Pessoa, é terra de desbravadores. Nela encontra-se Campina Grande, um dos mais importantes Municípios do Nordeste do Brasil, com população estimada em 400 mil habitantes. O povo é ordeiro e sua marca maior é o gosto pelo trabalho. A área ocupada pelo município na extensão desse operoso planalto paraibano é de 970 km². A altitude do local é de 550m, de onde surge uma brisa montanhosa, conferindo-lhe um clima árido e semi-árido com máximas de 27 e mínimas de 16 graus.

A história de Campina Grande começa no final do século XVII, quando é lavrado o registro de um aldeamento de índios ariús, na época entregues á assistência missionária de padres jesuítas. A partir desse marco, e ocorrido quase um século, o povoado é transformado em vila, sob a denominação de Vila Nova da Rainha.

Elevada a categoria de cidade em 1864, a região passa a denominar-se Campina Grande. Com a instalação do tronco ferroviário, em 1907, criaram-se as condições de um comércio favorável, que consolidou-se em meio a um mercado interno estável onde atividades diversificadas propiciam condições especiais para que a cidade entre em processo de produção continuado, mudando radicalmente a sua fisionomia física e humana.

Vários ciclos econômicos deram marca de grandeza a Campina Grande. O primeiro deles veio com a produção e a comercialização do algodão, no início do século, caracterizado por um acelerado crescimento das indústrias de prensagem, têxtil, sacaria, vestuário e óleo comestível, entre outras, e também do setor de urbanização. Nos anos sessenta o Município entrou no ciclo estatal-federativo-indústria, consolidado na década seguinte e decaindo na de oitenta. A década de setenta marcou o declínio da cultura algodoeira do Estado e Campina Grande, que já se tornara um grande centro comercial e exportador, sentiu os efeitos da crise.

Enquanto declinava a produção industrial e comercial, configura-se o desenvolvimento do setor educacional entre os anos cinquenta e oitenta. Com a implantação de ensino superior a cidade transformou-se num importantíssimo pólo

universitário e, no final da década de oitenta Campina Grande despontava com uma população acima de 330 mil habitantes, mais de três mil estabelecimentos comerciais, cerca de oitenta indústrias, vinte estabelecimentos bancários e mais de quarenta cursos superiores, numa demonstração de que superara a crise.

Hoje Campina Grande, conhecida como a Capital do Trabalho, prepara-se para o Terceiro Milênio, desenvolvendo o turismo de eventos, que já conta com extenso calendário e investe no desenvolvimento tecnológico.

2.2 O BAIRRO E A ESCOLA

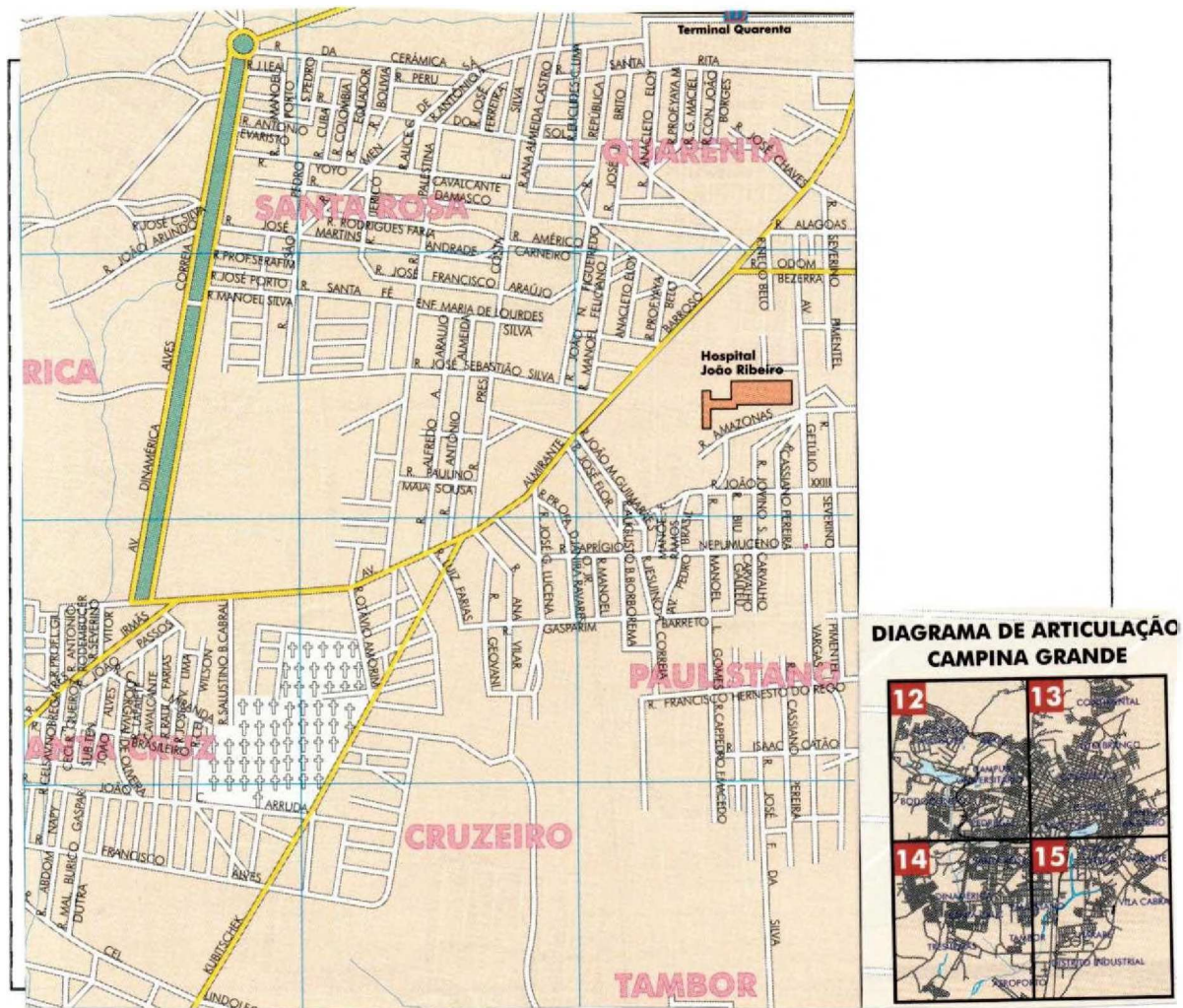
Falar sobre o bairro da liberdade é falar também de experiência de vida pois eu assim como muito outros campinenses já tive o prazer de morar neste bairro. Foi na “Liberdade” que passei bons momentos de minha infância, foi também no bairro da liberdade que ganhei minhas duas irmãs caçulas assim como tive meus primeiros contatos com a escola estadual de ensino fundamental e médio Félix Araújo, mais conhecido por estadual da liberdade, onde eu costumava jogar bola em seu gramado lateral (onde hoje é a atual área de recreação).

A liberdade é um dos antigos bairros de Campina Grande, originou-se como uma extensão do bairro do quarenta, onde ainda hoje dividem em comum a abrangência de algumas ruas.

Quanto a história sobre o bairro da Liberdade, vale salientar que ele foi pensado projetado. Inicialmente como um bairro operário e para operário, daí ainda hoje a imensa maioria da comunidade que mora neste bairro ser pessoas de baixa renda (os quais oscilam entre um a quatro salários mínimos), raras são as famílias que fogem a esse padrão de renda, se bem que nos últimos anos percebemos a crescente presença de famílias mais abastadas. As fábricas que propiciaram tal repercussão histórica foi a extensa “Sambra” (as quais na primeira metade do século XX propiciou não só uma grande explosão demográfica em torno da mesma (mediante influenciar um êxodo rural) propiciando também emprego a estes antes agricultores, mesmo mediante a escassos salários.

Quanto a localização geográfica, o bairro da liberdade faz fronteira com: e nordeste com a estação velha; norte com o bairro do “Quarenta”; ao noroeste com o bairro Santa

Rosa; ao leste e sudeste com o bairro Catolé; ao sul com o bairro Jardim Paulistano; ao sudoeste com o bairro Santa Cruz, e ao oeste com o bairro dinâmérica.



Mediante tal explosão demográfica e mediante as novas formulações quanto ao empresarial em mudar suas políticas de apatia das novas políticas de bem estar social as quais aos poucos já vinham sendo postas em práticas desde os anos 1940 foi o que propiciou a instalação de escolas da rede municipal e estadual em torno destas, daí o surgimento de escolas tais como o “Estadual da Liberdade” e o Grupo Murilo Braga também aquelas imediações; tais investimentos por parte do estado a população não foi mediante possíveis petições, apelos e sim mediante uma política que visava qualificar o mínimo possível a mão-de-obra proletariada afim desta, não só profissionalizar-se e assim servir melhor a empresa por enquadrar-se a sofisticação das máquinas e aparelhagem da nova tecnologia, assim como diluir possíveis pensões e (tendências socialistas).

2.3 O ENSINO E A PRÁTICA

Minha opção quanto fazer meu estágio no estadual da liberdade foi motivada por razões de cunho pessoal, já que boa parte da minha infância eu morei no bairro da liberdade, e do bairro da liberdade tenho boas lembranças. Poderia eu Ter optado por qualquer outro colégio vinculado a prática de ensino da UFPB, mas era no estadual da liberdade que repousava minha ânsia, meu interesse, minha realização pessoal como graduando.

Minha primeira visita a instituição (ao colégio estadual da liberdade), deu-se em companhia de meu professor e também coordenador do curso de história Alacon Agra, assim como da companhia de meus amigos, também estagiários da disciplina do curso. A visita foi descontraída e frutífera, já que não só pudemos conhecer a “estrutura física” assim como a “estrutura” institucional da escola; de antemão fomos advertidos pelo professor Alacon a não tecer nenhuma crítica a quem quer que fosse enquanto aquela primeira visita aquele primeiro contato, mas que estivessemos preocupados desde logo entrosar-nos com os alunos, funcionários, professores e com a própria estruturação física-administrativa e teórica da escola.

Quanto aos professores das disciplinas os quais iriam nos ceder as suas turmas também fomos orientados a perceber qual a corrente teórica metodológica destes, afim de que quando ministrando nossas aulas, não entrassemos em confronto direto, em choque com a linha de ensino até então ministrada por esse, vindo assim a criar tensões e mal estar tanto do professor da disciplina para com os demais futuros estagiários, assim como da direção da escola para com a universidade; já que esta tão carinhosamente havia nos recebido, e tão atenciosamente nos tratado.

Parece que nossa primeira visita ao estadual da liberdade foi um sucesso, já que não só os professores titulares das disciplinas de história, assim como a direção da escola e principalmente as “alunas” e os “alunos” nos receberam calorosamente.

Já quanto a preocupação afim de que eu pudesse entrar em sala de aula, esta deu-se sem inconvenientes, seja pela cooperação do professor “Marcio Gororoba”, o qual bondosamente não só cedeu-me dito aulas suas (distribuídas pelas três turmas do 1º ano científico) como auxiliou-me na elaboração dos dois planos de aulas por “nos” elaborado e ministrado em sala. Tal ajuda do professor Márcio Gororoba foi fundamental a meu êxito em sala, pois não só ajudou-me quanto a perceber sua corrente teórica, a qual repousa sobre o materialismo histórico, assim como perceber não só os

pontos os quais poderiam gerar tensão entre minhas aulas, minha inclinação teórica e as dele como também perceber o estilo de aula por ele ministrada.

Já quanto as aulas em si, não tive problemas; creio que isso em grande parte deu-se por minha experiência de ensino como professor regular no município de Livramento, assim como pela facilidade que tenho quanto aos assuntos em sala por mim trabalhados (Quanto a minha prática de ensino no E.L), a saber: Pré-história (e pré-história brasileira); e historiografia.

Marcio Gororoba, diferentemente de meus amigos professores em Livramento, não é positivista, não crê na infabilidade documental assim como critica qualquer outra corrente teórica que não seja o materialismo; também mostrou-se ateu, o que em Livramento seria um pré-requisito capital a sua não permanência no cargo que ocupa como professor, já que a maioria do corpo docente daquela cidade é composto por pessoas muito ligadas e muito ativas dentro da igreja católica; em Livramento se há algum professor ateu, o é como ateu passivo. Já em nossa experiência em Campina Grande vimos que isso em vez de causar repúdio e espanto, era motivo de piadas, mas é do comum em ambas experiências a perda do nível de admiração e respeito ao professor ateu.

Quanto a estrutura física a escola estadual da liberdade assemelha-se as demais escolas da rede municipal e estadual; escolas planejadas para os filhos de proletariado, daí a estrutura fabril desta, ou seja, uma arquitetura que não só lembra a estrutura de uma fábrica assim como foi projetada, afim de permitir o máximo de controle dos alunos, ou seja: retinhos e amplos corredores os quais não só possibilitam uma visão geral dos mesmos assim como o controle, o fluxo de alunos em horários de aulas ou fora do horário de expediente: As salas da diretoria estrategicamente localizada próxima a portaria e as salas da aulas e por diante, vigilância e disciplinarização.

Quanto a ministração de minhas aulas, sempre tentei unir o saber científico ao saber experiencial (meu e de meus alunos), afim de podermos encurtar a distância entre o ensino universitário, e científico, e da realidade quanto ao ensino a alunos do 1º e 2º grau; tentei sempre que possível trazer a teoria a prática e experiência de vida de meus alunos afim de que a inteligibilidade a qual muitas vezes acompanham o discurso de professores do 1º e 2º grau, fosse vencida, que o desinteresse pela disciplina, assim como pela quebra no pensamento que a disciplina história era pura “decoreba” de datas e nomes de pouco uso e préstimo na vida cotidiana, fosse superada, que meus alunos viessem a entender que história é mais que decorar nomes, datas e eventos, é sim criar

um senso crítico, é dar oportunidade de enxergar plural, enxergar e entender práticas e artimanhas das camadas dominantes, suprateiramente imposta as camadas populares afim de promover o bem estar daqueles as custas destes; e dar oportunidade de escolher, tomar posição frente a sociedade, frente as injustiças que nos cercam, é dar oportunidade de sair da ignorância e a partir disso fazermos não só do Brasil e sim do mundo algo melhor que isso que vivemos hoje.

3. CONCLUSÃO

Creio que assim como eu, muita gente já chegou a acreditar que para que alguém fosse considerado um bom professor bastaria a ele ou a ela unicamente exercer bem o “Dom” que lhe fora confiado e as portas se lhe abririam como que por uma força superior a qual não poderiam resistir. E claro que tal coisa não passa de uma ilusão, pois aquele que pretende ao magistério deve ter consciência das diversas e inúmeras dificuldades que se lhe apresentarão em meio a tão árdua tarefa; o dito “Dom” ajuda na tarefa, mas cada vez mais perde espaço a inúmeros outros fatores, fatores estes que deveriam muitas vezes ocupar um segundo espaço, mas que mediante a intrincada teia de poderes e interesses que hoje envolve mais do que nunca todas as fases e esferas quanto a arte, a prática de ensino, seja em órgãos públicos ou privados (pois sempre existiram inúmeros interesses nesse ramo).

Só a partir do momento que entrei no mercado de trabalho é que pude perceber que não basta apenas ter o Dom, seria necessário uma rápida adaptação aos diversos interesses da escola a qual se esta engajado, fosse esta da esfera pública ou da esfera privada, mais do que nunca a lei da “seleção natural” de Darwin fazia-se presente em sua melhor e mais clara forma de ser mais do que nunca o suposto Dom que cada mestre traria consigo desde o berço teria de dar margens a arte do bem relacionar, assim como ser capaz de decifrar os códigos de cada instituição na qual esta engajado; códigos estes muitas vezes não explicitados e que variam nas mais diversas formas de ser; ou seja, sejam códigos comportamentais, institucionais, relacionamentais, éticos, morais, imorais, amorais, seria a arte de saber lidar com artimanhas, saber fazer concessões e exigir concessões, entender que mais do que nunca a escola tem sua política interna e sua política externa e entender que por inúmeras vezes estas políticas são opostas, uma negando a outra afim da própria sobrevivência da escola e de alguns que vivem de tirar proveito da decadência da estrutura educacional; entender tal coisa é saber burlar armadilhas, é inserir-se na teia de poder não como uma vítima e sim como agente ativo do poder, é saber que só assim será capaz de trazer algum benefício mesmo fazendo parte da malha, da teia (pois os que dela não fazem parte, nem mesmo uma chance o tem), fazendo-a menos pegajosa e traiçoeira, fazendo-a mais humana e ética.

4. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubens. **Entre a Ciência e a sapiência. O dilema da educação**, São Paulo. Edições Loyola, 2000.

BÍBLIA Thompsom de estudo. **Livro: provérbios de Salomão cap 15,verso 33**. Editora CPAD, Edição 8 , 1999.

BRANDÃO, Zaia (org) **A crise dos paradigmas e a Educação**. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2001. (col. Questões da nossa época; v. 350).

CERTEAU Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Cap 03 Fazer com usos e táticas pag's 99-101, Editora Vozes RJ edição 5, 1994.

COHEM Jeffrey Jerôme. **Pedagogia dos Monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAG, Bárbara. **O livro didático em questão** 3ª ed. São Paulo: Cortez 1997.

FÉLIX Guattari. **Micropolíticas : Cartografias do desejo: Amor, territórios de desejos e uma nova suavidade**. Cap 6 pag; 281, Editora Vozes RJ, edição 4 ,1996.

FURTADO Celso. **História econômica do Brasil**. Editora Melhoramentos SP , edição 10, 1993.

FOUCAULT Michel. **A microfísica do poder**. Cap Sobre a geografia pag's 164-165, Editora Graal RJ edição 7, 1988.

GURJÃO Eliete. **Morte e vida das Oligarquias: Crise e redefinição das Oligarquias Paraibanas**. Cap. 02 ; pág 103; editora Vozes RJ , edição 2, 1984.

HOBSBAWM Eric . **O breve século XX**. Cap 09 Anos Dourados. Editora Vozes, RJ edição 2, 1999.

LE'GOFF, Jaques. **O Imaginário Medieval**. prefácio. Pag's 20-21, Editora Melhoramentos, edição3, 1998.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Danças piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Revisão Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre ContraBando, 1998.

PRADO Caio Junior. **Formação Econômica do Brasil Contemporâneo. Povoamento**, cap 02 pag30, Editora Melhoramentos RJ , edição 10, 1997.

Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Historia e Geografia - DHG
Disciplina: Pratica de ensino
Professor: Alacon
Aluno: Cícero Vinicius C. Nóbrega

campus II

Plano de aula usado na escola municipal de ensino fundamental Maria Salomé –as 5ª series.

Assunto: Pré-história
Tema: evolução do homem
Objetivo específico:

Apresentar a atual e mais aceita concepção científica de como deve ter-se dado a evolução da espécie “homo” tendo por base a seleção natural das espécies, mediante o estudo de fósseis.

Apresentar a possível difusão dos primitivos hominídeos pelo planeta e o porque disto.

Tentar entender como as glaciações podem ter interferido na evolução da espécie homo e em sua dispersão pelo planeta.

Justificativa dos objetivos.

Optamos trabalhar este tema evitando termos técnicos os quais em nada ajudam no aprendizado. Assim como sempre fazer um ponto com a realidade dos alunos.

Metodologia: utilizamos os mais variados recursos didáticos disponíveis após uma expansão feita em sala de aula. Optamos por não seguir nenhuma corrente historiográfica em particular mas sim fazer a ponte entre o assunto e as devidas articulações dentre varias correntes privilegiados assim não um só aspecto e sim a pluralidade .trabalharemos também com artes teatrais, com finalidade de trazer novas opções aos alunos quanto processo de aprendizagem :

- recursos didáticos
 - quadro –giz
 - mapas
 - cartazes
 - dicionários

- avaliação

Optei por uma avaliação continua , mediante a participação dos alunos.

LIVRAMENTO



COLEGAS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE LIVRAMENTO (DA DIREITA PARA ESQUERDA A ATUAL DIRETORA DA E.M.E.F.M.S.).



**PAIS E MESTRES DOS ALUNOS PRESTIGIAM A ENCENAÇÃO A QUAL
TEVE POR TEMA A PRÉ-HISTÓRIA**





**NOSSOS ALUNOS MINUTOS ANTES DA APRESENTAÇÃO DA
ENCENAÇÃO TEATRAL: ANCIOSIDADE, NERVOSISMO ASSIM COMO
ENTUSIASMO**



**FOTO TIRADA APÓS A APRESENTAÇÃO: APLAUSOS E CONVITES A UMA
REAPRESENTAÇÃO**



**APRESENTAÇÃO NA CIDADE DE TAPEROÁ, A CONVITE DA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**



ALUNOS POSAM PARA FOTO HISTÓRICA (Recordação do evento)

Plano de aula: ministrado na Escola Estadual da Liberdade, aos alunos do 1º ano científico.

Tema: Os Ameríndios e Pré-história Brasileira.

Objetivo científico:

Apresentar as mais atuais descobertas científicas a respeito da chegada do homem africano as Américas, assim como as mais recentes descobertas arqueológicas referentes a pré-história brasileira.

Metodologia.

Como estas aulas seriam ministradas em forma de palestras (à pedido do professor), tentaremos não nos prender a assuntos muito polêmicos e de pouco préstimo, tentaremos sim apresentar aos alunos um discurso limpo e consigo, fazendo-os inquerir, assim como gerar um maior censo crítico a respeito das fantásticas teóricas que recheiam nossa mídia escrita e falada.

- recursos didáticos
 - quadro-giz
 - mapa mundi
 - cartazes
 - fotos
 - dicionário

- avaliação

optamos por uma avaliação contínua, onde os alunos são avaliados por sua participação, interesse e atuação em sala.

Ameríndios

Esquema da aula administrada aos 1º anos científicos
Teoria evolucionista

Discursos sobre o povoamento da América seria o homem americano Autóctone
(teoria menos aceita)

* não há vestígios de Australopídeos

Atravessia do mar em jangadas

Ásia- Polinésia pulando de ilha em ilha

Ásia – Austrália pulando de ilha em ilha

Navegador Dina Marques Thor Heyerdahl

Passagem pelo estreito de Bering

Quando isso ocorreu?

Datações: estratigrafia- últimas rochas chamadas

C 14- restos orgânicos

Dendrocronologia

Potássio- argénio- rochas

Principais discursos sobre a pré história brasileira

Século xx- cientistas europeus nossa Botânica

Dinamarquês Peter Lund – Serra Sipó – Minas gerais

Município Lagoa do Santana

Pinturas rupestres

Escavações – pai da arqueologia brasileira

Material foi roubado

Niede guidon a chata

UFPE

Piauí São Raimundo Nonato

Sertão do Piauí : serras, morros, cavernas, caco cerâmica, cinzas, pedra lascada , 40mil anos

– 50 mil anos?

Sabe-se que no Brasil

eram nômades
interior X litoral

umbu
Uruguai e Brasil
Habilidade em criar pontas de lanças : arco boleado

Homem dos sambaquis
Viviam no litoral
Os mangues e o mar como fonte de alimento
Semi – sedentarismo
Concentração de sambaquis ao sul do país
Tupis e outros grupos os exterminaram
Tipos sambaquis: litorâneos; várzeas _ leito de rios

Niede Guidon

- sambaquis várzeas podem ter favorecido aparentemente a agricultura e sedentarismo
- povos da Amazônia – cerâmica 4.600 a.c
- alimentação: peixes ; raízes ; milho.

PLANO DE AULA

Ministrado aos alunos do 1º ano científico Turma “ B ” da Escola Estadual d a Liberdade.

TEMA: Historiografia, (Correntes Teóricas)

OBJETIVO:

Analisar as diversas correntes teóricas a respeito da história, desde a Grécia Clássica até o século XX.

Discutir a concepção de serventia da história, assim como a forma de concebê-la quando vinculada ao tempo e espaço, segundo a visão de cada corrente historiográfica.

Discutir o porquê da “Escola de Annales” ter uma visão tão distinta das demais correntes históricas surgidos até hoje, e como essa corrente interage em nosso meio.

JUSTIFICATIVA OBJETIVOS:

Acreditamos ser esta a melhor maneira de expor tal temática procuramos portanto ressaltar os principais pontos, desviando-nos de discussões estereis tais como: qual a melhor ou a pior corrente historiográfica; ou questões desta natureza pois acreditamos que cada uma cumpriu bem seu papel quanto ao lugar espaço-temporal que abrangeu.

METODOLOGIA

Escolhemos por ministrar aula, discutindo os critérios, o tempo e o contexto onde cada corrente surgiu, a fim de fazer uma ponte quanto o entendimento do porque e da necessidade desta naquele período.

Optamos também por uma aula expositiva mas participativa por parte dos alunos; seja mediante questionamentos feito a estes durante a exposição da aula, seja incomodando-os (quanto a gerar curiosidades) afim deste incomodos virarem indagações sobre o tema, assim como encorajando-os a tirarem suas dúvidas.

RECURSOS DIDÁTICOS

Os recursos didáticos utilizados foram escolhidos levando em conta a realidade das condições materiais da escola, assim como na própria condição de abstração dos alunos, requerida ao assunto; portanto: quadro negro, giz, texto de apoio, mapa mundi em forma de globo, gravuras, desenhos.

AVALIAÇÃO

Optamos por uma avaliação contínua, mediante a atuação e produção por parte do aluno em sala de aula.

HISTORIOGRAFIA

A. Estudo da escrita da história

B. O que é?

- Não é fazer ou estudar história
- Não é o estudo histórico
- ❖ É a análise da construção do estudo histórico

C. Como é feito?

- Questionar quem é o autor
- O que influenciou este: Sua época, Vida traumas (amor), Meio (cidade, curso)
- Qual corrente historiográfica
- Como foi feito o estudo a obra / como pesquisou, que metodologia

D. Devemos ter em mente que:

- ❖ A história é resignificada a cada época
- ❖ Não é a verdade absoluta em história, tudo depende do olhar do historiador.
- ❖ Gregos: Eródoto
 - História narrativa
 - História preocupação em ensinar fundo moral
 - Cit 01
- ❖ Romanos
 - Preservar a memória
 - Levar os homens a compreender seu destino
- ❖ Judeus
 - História Linear
 - História Teocêntrica
- ❖ Medievo
 - História teocêntrica
 - História escatológica (Éden, Pecado original, Juízo final)
 - Santo Agostinho
- ❖ Renascimento (Humanismo)
 - Positivismo

- Estruturalismo (Rank, Kant)
- História como ciência (História política: Guerra / Diplomacia)
- ❖ Materialismo histórico
- Karl Marx
- Não são as idéias que vão transformar o mundo e sim as condições materiais e as relações entre os homens
- O homem como agente transformador a partir da produção econômica
- A revolução marxista.
- ❖ Escola dos anais – 1930
- Fusão da história as ciências sociais
- Todos os fatos são relevantes.



**AULA INTRODUTÓRIA MINISTRADA AO 1º ANO – CIENTÍFICO
(TURMA B) DA ESCOLA ESTADUAL DA LIBERDADE**



**DA DIREITA PARA A ESQUERDA: MINHA ORIENTADORA; O PROFESSOR
TITULAR DA DISCIPLINA (MÁRCIO GOROROBA)**



DA DIREITA PARA ESQUERDA; O PORTEIRO DA ESCOLA ESTADUAL DA LIBERDADE (ANTONIO); MINHA ORIENTADORA (SILEIDE LEIDA), EU, A DIRETORA GERAL E A SUPERVISORA COORDENADORA.